

# o navio fantasma

clive cussler e graham brown

Tradução de José Manuel Lopes



**SAÍDA DE EMERGÊNCIA**  
livros para fugir da rotina

# Prólogo

## O DESAPARECIMENTO

DURBAN, ÁFRICA DO SUL,  
25 DE JULHO DE 1909

ESTAVAM A GUIAR PARA UM VAZIO, OU ASSIM PARECIA AO INSPETOR-CHEFE Robert Swan do Departamento da Polícia de Durban.

Numa noite sem lua, sob um céu negro como tinta da China, Swan conduzia a alta velocidade na cabina de uma camioneta que ia percorrendo uma estrada poeirenta no campo, a norte de Durban. Os faróis da frente dessa enorme *Packard* projetavam raios de luz amarela que tremeluziam, saltavam e pouco faziam para iluminar o caminho. Enquanto ele olhava fixamente para a escuridão, Swan não conseguia ver mais do que quarenta metros desse caminho de terra batida, de cada vez.

— Quanto tempo demorará até à casa da quinta? — perguntou, voltando-se para um homem magro e rijo chamado Morris, que se encaixava no banco da frente, entre o inspetor e o motorista.

Morris olhou para o relógio, inclinou-se para o homem que ia a guiar e verificou o conta-quilómetros da camioneta. Após alguns cálculos mentais, olhou para o mapa que tinha na mão. — Devemos estar quase a chegar, inspetor. Não me parece que demoremos mais do que dez minutos.

O inspetor-chefe acenou afirmativamente com a cabeça e debruçou-se na porta, enquanto esse percurso acidentado continuava. Essa *Packard* era conhecida como a Três Toneladas, o último modelo americano e o primeiro veículo motorizado na posse do Departamento da Polícia de Durban. Saíra do barco com uma cabina adaptada aos requisitos pedidos e um

para-brisas. Jovens empreendedores da recém-criada equipa de veículos motorizados tinham construído uma estrutura para cobrir a caixa aberta e esticado lona por cima da mesma, embora nada mais se tivesse feito para tornar esse veículo mais confortável.

Enquanto a camioneta ia trepidando e avançando por esse caminho de carroças, Swan decidiu que seria bem melhor andar a cavalo. Mas, o conforto que faltava a esse meio de transporte era compensado em potência. Para além de Swan, Morris e o condutor, havia mais três polícias que seguiam na parte traseira.

Swan debruçou-se na porta e voltou-se para olhar para trás dele. Seguiam-nos quatro conjuntos de faróis, três carros e outra *Packard*. Na realidade, Swan tinha quase um quarto da polícia de Durban com ele nessa viagem.

— Tem a certeza de que precisamos de todos estes homens? — perguntou Morris.

Talvez estivesse a exagerar, pensou Swan. Porém, os criminosos que eles estavam a tentar apanhar (um grupo conhecido nos jornais como o gangue de Klaar River) eram em número considerável. Havia quem dissesse que rondavam os trinta ou quarenta, dependendo em quem se acreditava.

Embora eles tivessem começado como meros ladrões de estrada, roubando alguns e extorquindo dinheiro aos que, em Veld, tentassem levar uma vida honesta como negociantes, tinham-se tornado mais astutos e violentos nos últimos seis meses. As casas de quinta, daqueles que se recusassem a pagar para serem protegidos, estavam a ser incendiadas. Mineiros e viajantes desapareciam sem deixar rasto. A verdade veio a lume quando vários elementos desse gangue foram apanhados a tentar roubar um banco. Tinham-nos trazido para Durban para um interrogatório, para acabarem por ser resgatados através de uma investida às claras que deixou três polícias mortos e outros quatro feridos.

Tratava-se de uma linha que Swan não queria ver pisada. — Não estou interessado numa luta de cavalheiros — explicou ele. — Será que tenho de vos recordar acerca do que aconteceu há dois dias?

Morris abanou a cabeça, e Swan bateu com a mão na divisória que separava a cabina da caixa da camioneta. Abriu-se aí um postigo e o rosto de um homem corpulento surgiu, quase preenchendo todo esse espaço.

— Os homens estão prontos? — perguntou Swan.

— Estamos prontos, inspetor.

— Ótimo — retorquiu Swan. — Lembrem-se, não queremos prisioneiros esta noite.

Os homens acenaram com a cabeça em sinal de concordância, mas as palavras fizeram com que Swan olhasse de viés.

— Há algum problema? — vozeou ele.

— Não, senhor — respondeu Morris, voltando a olhar para o mapa. — É só que... estamos quase lá. Estamos a passar a colina.

Swan dirigiu a sua atenção uma vez mais para a frente do veículo e respirou fundo, para se preparar. Quase de imediato, apercebeu-se de um cheiro a fumo. Tinha características distintas, semelhantes ao lume de uma fogueira.

A *Packard* passou pelo topo da colina momentos depois, e essa noite de breu abriu-se em duas, devido às frenéticas chamas alaranjadas no campo um pouco mais abaixo. Essa casa de quinta estava a arder de uma ponta à outra, cercada de redemoinhos de fogo que pareciam subir aos céus.

— Raios partam! — praguejou Swan.

Os veículos desceram rapidamente a colina e espalharam-se. Os homens saíram a correr e tomaram posições em volta da casa.

Ninguém os atingiu. Ninguém disparou.

Morris conduziu o pelotão até mais perto. Aproximaram-se contra o vento e lançaram-se em direção à última parte do celeiro que não estava a arder. Conseguiram libertar vários cavalos, mas os únicos membros desse gangue que eles encontraram já estavam mortos. Alguns, meios queimados; outros meramente alvejados e deixados aí para morrerem.

Não haveria hipótese de poderem combater esse fogo. A velha madeira e a tinta de óleo estalavam e ardiavam como gasolina. O calor era tanto, que os homens de Swan em breve se viram forçados a recuar para não serem assados vivos.

— Que é que aconteceu? — perguntou o inspetor-chefe ao seu tenente.

— Parece que começaram a discutir entre eles — respondeu Morris. Swan considerou tal facto. Antes das detenções em Durban, havia quem dissesse que esse grupo de meliantes se estava a desagregar. — Quantos mortos?

— Encontrámos cinco, alguns dos rapazes pensam ter visto mais dois lá dentro, mas não lhes puderam chegar.

Nesse momento, começaram a ouvir-se tiros.

Swan e Morris atiram-se ao chão, por detrás da *Packard*, para se

resguardarem. De posições protegidas, alguns desses policiais começaram a retribuir o fogo, atirando rajadas dispersas para esse inferno.

O tiroteio continuou, estranhamente interrompido e em *staccato*, embora Swan não tivesse reparado em sinais de balas por perto.

— Cessar-fogo! — gritou ele. — No entanto, mantenham as cabeças baixas.

— Mas eles estão a disparar contra nós — ripostou um dos homens.

Swan abanou a cabeça, mesmo apesar de o rebentar desses tiros ter continuado. — Trata-se de munições a explodirem nesse incêndio.

Essa ordem foi passada, gritada de um homem para outro. Apesar das suas diretivas, Swan levantou-se, olhando por cima do capô da camioneta.

Por essa altura, o inferno já se apoderara de toda a casa. As vigas que ainda restavam assemelhavam-se às ossadas de um gigante estendido sobre uma pira funerária nórdica. As chamas enrolavam-se nelas e atravessavam-nas, ardendo com uma estranha intensidade, branco e laranja brilhantes, com laivos ocasionais de verde e de azul. Era como se o próprio inferno se tivesse levantado para consumir o gangue e o seu esconderijo desde dentro.

Enquanto Swan observava, uma enorme explosão eclodiu no âmago dessa estrutura, fazendo com que a casa se desagregasse num monte de brasas. Swan foi impelido para trás devido à força desse rebentamento, acabando por aterrar de costas, com força, enquanto os destroços iam atingindo os lados da *Packard*.

Momentos após a explosão, começou a chover o que se assemelhava a papelinhos de carnaval, pequenos pedaços de papel que começaram a cair aos milhares, deixando rastros de fumo e de cinzas contra o céu negro. Assim que esses fragmentos tocavam no chão, começavam a atear a erva seca.

Ao se aperceberem disso, os homens de Swan entraram em ação, sem demora. Apagando as faúlhas para prevenirem que o mato incendiado os viesse a rodear.

Swan deu-se conta de pequenos pedaços que caíam perto dele. Rolou pelo chão e alisou um deles com a mão. Para sua surpresa, viu números, letras e o rosto austero do rei Jorge a olhar para ele.

— Notas de dez — observou Morris, excitado. — Notas de dez libras. Milhares delas!

Quando os homens tomaram conhecimento do que se estava a passar, redobram os seus esforços, começando a correr por todo o lado para

apanharem esses pedaços queimados, com um entusiasmo estonteante que raramente revelavam quando recolhiam provas. Algumas das notas estavam em maços e não se encontravam muito queimadas. Outras eram como folhas, num fogão de sala, encarquilhadas e negras sem se poderem identificar.

— Acaba por dar um sentido diferente à expressão «estostrar com o saque» — comentou Morris.

Swan deu uma gargalhada, apesar de não os estar a ouvir, pois tinha a cabeça noutro lado. Estudava o fogo, contava os corpos, tentava apurar o cerne desse caso, tal como um inspetor deveria fazer.

Havia algo que não batia certo. Algo de errado em tudo aquilo.

A princípio, pensou que se trataria da natureza descoroçoante dessa noite. O ganguê que ele viera combater tinha feito o trabalho por ele. Isso, ele podia aceitar. Já o vira antes. Os criminosos muitas vezes lutavam pelos despojos dos seus crimes, especialmente quando a relação entre eles não era muito coesa e não existia uma clara liderança, como costumava dizer-se acerca desse bando de meliantes.

Não, pensou Swan, aquilo cortava mais fundo.

Morris parecia ter notado. — Que se passa?

— Não faz qualquer sentido — observou o inspetor-chefe.

— Que parte é que não lhe faz sentido?

— Tudo — retorquiu Swan. — O arriscado assalto ao banco à luz do dia. A investida para retirar os homens. A luta de espingardas na rua.

Morris olhou para ele, sem perceber. — Não vejo onde quer chegar...

— Olha à tua volta — sugeriu Swan. — A julgar pela tempestade de dinheiro queimado que nos chove em cima, esses bandidos estavam na posse de uma pequena fortuna.

— Pois — concordou Morris. — E daí?

— Assim sendo, porquê assaltar um banco em plena luz do dia se eles já estavam bem providos de dinheiro? Por que motivo arriscarem-se a ir dar tiros para Durban, para libertar os companheiros, para depois os virem baleiar para aqui?

Morris olhou fixamente para Swan, durante muito tempo, antes de lhe acenar com a cabeça em sinal de concordância. — Não faço ideia — admitiu ele. — Mas o chefe tem razão, não faz mesmo qualquer espécie de sentido.

Esse fogo continuou a lavrar até ao nascer do dia, acabando apenas quando essa casa já se encontrava completamente consumida. A operação

terminou sem baixas entre os policiais, e nunca mais se ouviu falar do gangue de Klaar River.

Muitos consideraram-no um golpe de sorte, mas Swan nunca ficou convencido. Ele e Morris iriam discutir os acontecimentos dessa noite durante anos, mesmo depois de já estarem reformados. Apesar de muitas teorias e suposições, acerca do que realmente acontecera, tratava-se de uma pergunta a que eles nunca conseguiram responder.

# 1



275 QUILÓMETROS A OÉS-SUDOESTE DE DURBAN,  
27 DE JULHO DE 1909

O SS *WARATAH* SINGRAVA PELAS ONDAS NUMA VIAGEM DE DURBAN PARA A Cidade do Cabo, rolando visivelmente num mar cada vez mais proceloso. Um fumo escuro de caldeiras alimentadas a carvão extravasava da sua única chaminé, arrastado na direção oposta por um vento contrário.

Sentado sozinho no salão principal desse barco a vapor, com cento e cinquenta metros de comprimento, Gavin Brèvard, de cinquenta e um anos, sentiu a embarcação inclinar-se pesadamente para estibordo. Viu a chávina e o pires diante dele a deslizar para a beira da mesa, devagar a princípio e, de seguida, ganhando velocidade, enquanto o ângulo de inclinação do navio ia aumentando. No último segundo, agarrou na chávina, prevenindo que a mesma caísse ao chão e se desfizesse em pedaços.

O *Waratah* permaneceu assim inclinado, levando uns bons dois minutos até ficar mais equilibrado, e Brèvard começou a preocupar-se com o navio onde resolvera embarcar.

Numa fase anterior da sua vida, passara dez anos no mar a bordo de vários vapores. Nesses navios o recuo era mais rápido e a quilha mais adaptada para que se endireitassem. O barco parecia-lhe desequilibrado, fazendo com que ele se perguntasse se haveria algo que não estaria bem.

— O senhor quer mais chá?

Concentrado a pensar, Brèvard mal se deu conta do empregado em uniforme da Blue Anchor Line.

Levantou a chávena que salvara da destruição. — *Merci*.

O empregado encheu-lha e continuou a andar. Logo que ele saiu, outro indivíduo entrou na sala, um homem de ombros largos com cerca de trinta anos, com cabelo ruivo e um rosto corado. Este dirigiu-se diretamente a Brèvard, sentando-se na cadeira em frente dele.

— Johannes — disse Brèvard em jeito de saudação. — Fico feliz por saber que não estás fechado no teu camarote como o resto das outras pessoas.

Johannes tinha um tom esverdeado de pele, mas parecia estar a suportar a ondulação. — Por que motivo me chamou?

Brèvard bebeu um gole de chá. — Tenho estado a pensar e decidi algo importante.

— E que poderá isso ser?

— Não estamos lá muito seguros.

Johannes respirou fundo e desviou os olhos. O outro percebeu. Johannes sabia que ele passava a vida a preocupar-se. Um homem que estava sempre cheio de medo. Contudo, Brèvard estava apenas a ser cauteloso. Passara anos com gente atrás dele, anos sob a ameaça de prisão ou de morte. Tinha de estar sempre vários passos mais à frente, só para se manter vivo, e afinara a sua mente para um constante estado de hiperatenção.

— É claro que estamos em segurança — retorquiu Johannes. — Assumimos novas identidades. Não deixámos rasto. Os outros morreram todos e o celeiro ardeu por completo. Apenas a nossa família ainda se encontra bem.

Brèvard bebeu outro gole de chá. — E se nos esquecermos de qualquer coisa?

— Não terá importância — insistiu Johannes. — Aqui, estamos para além do alcance das autoridades. Este navio não tem rádio. É como se estivessemos algures numa ilha.

Isso era verdade. Desde que o navio estivesse no mar, poderiam descansar e descontraírem-se. Mas, em breve, essa viagem terminaria.

— Nós só estaremos em segurança até atracarmos na Cidade do Cabo — venceu Brèvard. — Se não apagámos todos os nossos rastros, tão bem como pensamos, poderemos ser recebidos por um grupo de polícias enraivecidos ou pelas tropas de Sua Majestade.

Johannes não lhe respondeu logo. Estava a pensar, a digerir toda a informação. — O que é que sugere? — perguntou ele, por fim.

— Temos que fazer com que esta viagem dure para sempre.

— E como é que conseguiremos fazer isso?

Brèvard estava a falar metaforicamente. Sabia que, para Johannes, teria de ser mais concreto. — Quantas armas de fogo é que temos?

— Quatro pistolas e três espingardas.

— E os explosivos?

— Ainda temos duas caixas cheias — informou Johannes, franzindo o cenho. — Embora não esteja certo se teria sido uma boa ideia trazê-las para bordo.

— Não há qualquer perigo — insistiu Brèvard. — Vai acordar os outros, tenho um plano. Já é tempo de sermos donos do nosso próprio destino.

O capitão Joshua Ilbery estava na ponte do *Waratah*, embora fosse já tempo para o terceiro turno de vigia entrar ao serviço. Estava preocupado com o tempo. O vento soprava já a uma velocidade de cinquenta nós, contrariamente à maré e à corrente. Essa inusitada combinação fazia com que as ondas se elevassem como pirâmides excepcionalmente altas e inclinadas, como montes de areia que alguém tivesse empurrado de ambos os lados.

— Mantém-te firme agora — ordenou Ilbery ao timoneiro. — Faz só os ajustamentos que forem necessários. Não queremos ser abalroados.

— Sim, meu capitão — respondeu o timoneiro.

O capitão levantou os binóculos. A luz estava a desaparecer com o tombar da noite, e ele esperava que o vento pudesse amainar.

Observando as cristas das vagas diante dele, ouviu a porta da ponte a abrir-se. Para sua surpresa, ouviu um tiro. Baixou os binóculos e rodou sobre si mesmo, para ver o timoneiro a cair no convés e a agarrar o estômago com ambas as mãos. Atrás dele, via-se um grupo de passageiros empunhando armas, tendo um deles avançado e tomado controlo do leme.

Antes que Ilbery pudesse dizer uma palavra ou pegado numa arma, um passageiro de rosto corado bateu-lhe com a coronha da *Enfield* no ventre. Ele dobrou-se e caiu para trás, contra a antepara.

O homem que o atacara apontara-lhe o cano da espingarda ao coração. Ilbery deu-se conta das mãos rudes que a seguravam, mais próprias de um camponês ou de um rancheiro do que de um passageiro de primeira classe. Olhou para os olhos desse homem e não viu qualquer compaixão. É claro que ele não poderia ter a certeza, mas Ilbery não duvidava de que o homem que estava diante dele já teria matado antes.

— Que significa isto? — resmungou o capitão.

Um dos membros do grupo aproximou-se dele. Era mais velho do que

os outros, com cabelo grisalho nas têmporas. Tinha um bom fato e o porte de um líder. Ilbery reconheceu-o como parte de um grupo de pessoas que embarcara em Durban. O nome dele era Brèvard. Gavin Brèvard.

— Exijo uma explicação — disse Ilbery.

Brèvard dirigiu-lhe um sorriso irónico. — Acho que é bastante óbvio. Estamos a assumir o comando deste navio. O senhor vai seguir uma outra rota, desviando-se da costa e dirigindo-se para leste. Não vamos para a Cidade do Cabo.

— Não pode estar a falar a sério — observou o Ilbery. — Estamos no meio de um mar revolto. O navio mal está a responder à situação. Voltar o barco agora iria...

Gavin apontou-lhe a pistola a meio dos olhos. — Eu já trabalhei em barcos a vapor, capitão. O suficiente para saber que este navio está desequilibrado e com um funcionamento deficiente. Mas não se vai virar, de modo que pare de me dizer mentiras.

— Este barco irá sem dúvida ao fundo — insistiu Ilbery.

— Dê a ordem — exigiu Brèvard —, ou faça-lhe um buraco na testa e eu mesmo me porei a pilotar este navio.

O capitão semicerrou os olhos. — Talvez saiba navegar, mas, e as outras tarefas? Será que o senhor e esta gente pretendem comandar este navio?

Brèvard sorriu ironicamente. Ele sabia desde o início que essa era a sua fraqueza, o seu ponto mais vulnerável. Tinha mais oito com ele, três dos quais crianças. Mesmo que tivessem sido adultos, nove pessoas não poderiam manter as armas carregadas por muito tempo, muito menos tomarem conta dos passageiros, da tripulação, e pilotarem o navio ao mesmo tempo.

Contudo, Brèvard estava habituado a tomar vantagem de tudo o que estivesse ao seu alcance. Toda a sua vida era um estudo para que os outros fizessem o que ele queria, seja contra vontade dos mesmos, ou sem que eles se apercebessem de que estavam afinal a proceder como ele pretendia. Sabia que precisava de dar a volta à situação, e os explosivos nas duas caixas permitiam-lhe alterar as coisas a seu favor.

— Tragam o prisioneiro — pediu ele.

Ilbery observou a porta da ponte a abrir-se e um jovem com um ar desmazelado a entrar. Este trazia com ele um homem coberto em pó de carvão que sangrava de um nariz partido e tinha um lenho na testa.

— Chefe?

— Peço desculpa, meu capitão — disse o chefe. — Eles enganaram-nos. Usaram crianças para nos distraírem e depois conseguiram dominar-nos.

Três dos rapazes foram baleados. Mas há tanto barulho lá em baixo, que ninguém ouviu até já ser tarde de mais.

— Que fizeram eles? — perguntou o capitão, abrindo muito os olhos.

— Dinamite — disse o chefe. — Uma dúzia de cartuchos de dinamite presos às caldeiras três e quatro.

Ilbery voltou-se para Brèvard. — Será que endoideceu? Você não pode colocar explosivos num ambiente daqueles. O calor, as brasas. Uma faúlha e...

— E fãmos todos desta para melhor — concluiu Brèvard. — Sim, conheço bem as consequências. Mas a coisa é assim. Há uma corda à minha espera em terra, daquelas que nos esticam o pescoço. Ora, se vou morrer, prefiro que seja de um modo rápido e exaltado do que de um modo lento e doloroso. Por isso, não abuse. Tenho três do meus lá em baixo, com espingardas como estas, para se certificarem de que ninguém retira de lá esses explosivos, pelo menos não antes de eu desembarcar deste navio, num porto da minha escolha. Ora, faça o que lhe digo e desvie este navio da costa.

— E depois o quê? — perguntou Ilbery.

— Logo que chegemos ao nosso destino, levaremos alguns dos vossos salva-vidas, uma série de materiais, as joias e o dinheiro de toda a gente a bordo, antes de abandonarmos este navio e desaparecermos. Você e a sua tripulação poderão então rumar à Cidade do Cabo com uma história fantástica para contarem a toda a gente.

Usando a antepara por detrás dele como suporte, o capitão Ilbery conseguiu erguer-se. Olhou para Brèvard com desprezo. O outro levava a melhor e ambos o sabiam.

— Chefe — disse ele, sem tirar os olhos do sequestrador. — Pegue no leme e mude de rumo.

O chefe foi a cambalear até ao leme, desviou o sequestrador da sua frente e fez o que lhe tinham pedido. O leme respondeu e o SS *Waratah* começou a virar.

— Ótima decisão — comentou Brèvard.

Ilbery tinha as suas dúvidas, mas sabia que não tinha outra escolha.

No que lhe tocava, Brèvard estava satisfeito. Sentou-se numa cadeira, estendeu a espingarda no colo e pôs-se a estudar de perto o capitão. Tendo passado a sua vida a enganar outros, desde polícias a juízes de cabeleiras empoadas, Brèvard aprendera que era mais fácil avaliar certos homens do que outros. Os que eram honestos eram mais óbvios do que o resto.

Enquanto Brèvard olhava fixamente para o capitão, reparou que ele

deveria ser um desses. Um homem com orgulho e esperteza e um grande sentido do dever em relação aos seus passageiros e à tripulação. Esse sentido do dever compelia-o a aceitar as exigências de Brèvard a fim de proteger as vidas dos que iam a bordo. Mas também o tornava perigoso.

Mesmo após se ter sujeitado ao que lhe pediam, Ilbery mantinha a cabeça erguida e as costas bem direitas. Embora ainda se agarrasse ao estômago, devido ao golpe que recebera, mantinha um fogo aceso no olhar que os homens derrotados não tinham, e tudo isso sugeria que o capitão ainda não estava disposto a abrir mão do seu navio. Um movimento de revolta iria chegar, mais depressa do que se pudesse esperar.

Brèvard não criticava o capitão. De facto, respeitava-o. De qualquer modo, fez uma nota mental para se manter preparado.

### ***SS Harlow — 20 quilómetros mais à frente do Waratah***

Tal como o capitão do *Waratah*, o do *Harlow* também estava na ponte. Ondas de dez metros e ventos com cinquenta nós assim o requeriam. Ele e a sua tripulação faziam correções constantes para evitar que o *Harlow* se desviasse de rota. Tinham inclusivamente bombeado água para o porão, para lhes servir de lastro e reduzir os balanços.

Quando o primeiro-oficial entrou na ponte, após uma ronda de inspeção, o capitão olhou para ele. — Como é que estão as coisas, número um?

— Tudo bem, da proa à popa, meu capitão.

— Ótimo — retorquiu este. Dirigiu-se até à ala da ponte e olhou para trás deles. Podiam ver-se as luzes de um outro navio no horizonte, a várias milhas mais atrás e a deitar muito fumo.

— Que é que achas? — perguntou o capitão. — Mudaram de rota, estão a desviar-se da costa.

— Poderá ser uma manobra para se desviarem dos baixios — sugeriu o primeiro-oficial. — Ou talvez que o vento e a corrente os estejam a forçar noutra direção. Alguma ideia de que navio se trata?

— Não tenho a certeza — retorquiu o capitão. — Talvez seja o *Waratah*.

Alguns instantes mais tarde, dois clarões luminosos, separados apenas por alguns segundos, surgiram desde a posição aproximada desse navio. Eram de um branco brilhante e depois cor de laranja, porém, a essa distância nada se ouviu. Era como vislumbrar fogos de artifício na distância. Quando estes desapareceram, o horizonte escureceu.

Quer o capitão quer o primeiro-oficial pestanejaram e olharam intensamente para a escuridão.

— Que foi aquilo? — perguntou o primeiro-oficial. — Uma explosão?

O capitão não tinha a certeza. Pegou nos binóculos e demorou algum tempo a focá-los nesse lugar. Não havia sinais de fogo, mas sentiu um arrepio na espinha ao dar-se conta de que as luzes desse navio mistério também tinham desaparecido.

— Poderiam ter sido chamas num mato incendiado na costa, por detrás deles — sugeriu o primeiro-oficial. — Ou relâmpagos provocados pelo calor.

O capitão não respondeu e continuou a observar através dos binóculos, varrendo a linha do horizonte. Ele esperava que o primeiro-oficial tivesse razão, mas se esses clarões de luz tivessem vindo da costa ou do céu, que teria então acontecido às luzes do navio que eram visíveis ainda há poucos momentos?

Ao desembarcarem, os dois homens iriam saber que o *Waratah* estava atrasado e se encontrava perdido. Nunca aportara na Cidade do Cabo, nem voltara a Durban ou chegara à costa onde quer que fosse.

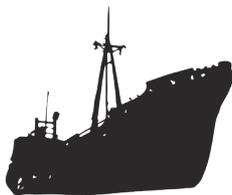
Em rápida sucessão, a Marinha Real Britânica e a Blue Anchor Line despachariam barcos em busca do *Waratah*, mas todos regressariam de mãos vazias. Não se encontraram salva-vidas. Quaisquer destroços. nenhuns corpos a flutuar na água.

Ao longo dos anos, grupos náuticos, organizações governamentais e caçadores de tesouros procuraram o naufrágio do navio perdido. Usariam sonar, magnetómetros e imagens por satélite. Enviariam mergulhadores, submarinos e ROV<sup>1</sup> para inspecionar vários afundamentos ao longo da costa. Mas tudo em vão. Mais do que um século após o seu desaparecimento, não se encontrou nem sequer um rasto do *Waratah*.

---

<sup>1</sup>ROV é um veículo submersível operado remotamente por alguém a bordo de uma embarcação.

## 2



BAÍA DE MAPUTO, MOÇAMBIQUE,  
SETEMBRO DE 1987

O SOL ESTAVA A PÔR-SE NO HORIZONTE QUANDO UMA VELHA TRINEIRA de quinze metros de comprimento entrou na baía, vinda das águas abertas do Canal de Moçambique. Para Cuoto Zumbana fora um dia bom. O porão do seu barco estava cheio de peixe fresco, não havia redes rasgadas ou perdidas, e o velho motor sobrevivera a mais um dia, embora continuasse a arrotar um fumo cinzento.

Satisfeito com a vida, Zumbana fechou os olhos e voltou-se para o sol, deixando que este lhe banhasse as rugas do rosto. Havia poucas coisas de que gostasse mais do que desse sentimento glorioso. E tanta paz lhe trazia que, a princípio, os gritos excitados da sua tripulação não o vieram interromper.

— *Mashua* — gritou um deles.

Zumbana abriu os olhos, semicerrando-os, pois os reflexos do sol no mar eram como fogo líquido. Protegendo os olhos com uma mão, reparou naquilo para que os homens estavam a apontar, um pequeno bote de madeira a ondular nas ondas de um fim de tarde. Parecia estar à deriva e não se via ninguém a bordo.

— Levem-nos até lá — ordenou ele. Encontrar um bote que ele pudesse vender só iria tornar o dia melhor. Ele planeava, inclusivamente, partilhar esse dinheiro com a sua tripulação.

A traineira mudou de rumo e o velho motor tossiu um pouco mais alto. Em breve já se estavam a aproximar.

O rosto de Zumbana enrugou-se. Esse pequeno barco estava já muito usado e remendado à pressa. Mesmo a uma distância de quinze metros, ele conseguia ver que grande parte do mesmo estava podre.

— Alguém o devia ter deixado aqui só para se ver livre dele — observou um dos membros da tripulação.

— Talvez haja qualquer coisa de valor a bordo — retorquiu Zumbana. Aproximem-se mais.

O timoneiro fez o que lhe era pedido e a traineira parou ao lado dessa embarcação arruinada. Ao encostarem-se-lhe levemente, outro elemento da tripulação saltou a bordo. Zumbana atirou-lhe uma corda e, em breve, os dois barcos estavam amarrados um ao outro e a rumarem juntos.

De onde estava, Zumbana apercebia-se de panelas vazias e de montes de trapos. Decerto nada de valor; porém, quando o indivíduo que aí se encontrava desviou um cobertor roído pelas traças, toda a ideia de dinheiro se esvaneceu.

Via-se uma mulher e duas crianças por baixo desse velho cobertor. Não havia dúvida de que estavam mortos. Tinham os rostos cheios de queimaduras do sol e os corpos rígidos. A roupa estava em farrapos e notava-se um trapo ensanguentado atado ao ombro da mulher. Um exame mais atento revelou pulsos e tornozelos esfolados, como se todos três tivessem estado algemados e atados.

Zumbana benzeu-se.

— Devíamos abandoná-los — sugeriu um deles.

— É um mau agoiro — acrescentou um outro.

— Não. Temos de respeitar os mortos — ripostou Zumbana. — Especialmente aqueles que foram levados desta vida ainda tão novos.

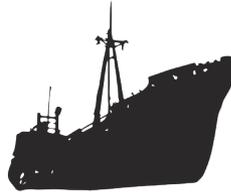
Os homens olharam para ele com uma certa suspeição, mas fizeram o que lhes tinha sido pedido. Com uma corda para poderem rebocar esse bote em que a proa era igual à popa, voltaram-se uma vez mais para terra arrastando essa velha embarcação atrás deles.

Zumbana foi até à parte de trás da traineira, onde podia manter um olho na pequena embarcação. O seu olhar subiu do barco até ao horizonte mais distante. Estava intrigado acerca dos ocupantes desse bote. Quem seriam eles? De onde vinham? De que perigo teriam escapado para virem morrer em mar aberto? Tão novos, pensou, considerando os três corpos. Tão frágeis.

O próprio barco era outro mistério. A tábua num dos lados parecia ter

side pintada em tempos com um nome; porém, agora, era impossível lê-lo. Estava preocupado com o facto de esse bote não conseguir chegar a terra. Ao contrário dos seus passageiros mortos, parecia muito antigo. Decerto era bem mais velho do que os três ocupantes. Com efeito, parecia-lhe que talvez tivesse vindo de uma outra época.

### 3



OCEANO ÍNDICO,  
MARÇO DE 2014

UM CLARÃO DE LUZ AZUL BIFURCOU-SE PELO HORIZONTE. POR UM SEGUNDO ou dois, iluminou a escuridão cinzenta onde o mar e a tempestade se encontravam.

Kurt Austin olhou para essa escuridão desde a secção traseira de um *Sikorsky Jayhawk* quando esse grande helicóptero começou a abrir caminho através de lençóis de chuva. A turbulência sacudiu o aparelho, e vagas com dez metros de altura rolaram por baixo deles, com as cristas a explodirem devido aos ventos uivantes.

Quando o relâmpago desapareceu, Kurt viu o seu reflexo no vidro. Com uns quarenta anos, cabelos grisalhos, Kurt mostrava-se bem-parecido sob o apropriado tipo de luz. Uns fortes maxilares e olhos azuis penetrantes eram prova disso. Mas, como um camião que passasse os seus dias no local de trabalho, em vez de na garagem, o seu rosto arcava claramente com o peso dos quilómetros.

As linhas em volta dos olhos eram um pouco mais profundas do que na maioria das pessoas. Uma coleção de leves cicatrizes provocadas por lutas a murro, acidentes de carro, e outros incidentes marcavam-lhe a testa e os maxilares. Era o rosto de um homem que parecia pronto para qualquer coisa, determinado e inflexível, mesmo que o helicóptero se estivesse a aproximar dos seus limites.

Pressionou o botão do intercomunicador e olhou para frente, onde o seu amigo Joe Zavala ocupava o assento do copiloto. — Alguma coisa?

— Nada — respondeu Joe.

Kurt e Joe trabalhavam para a NUMA<sup>2</sup>, a Agência Nacional Marinha e Submarina, um ramo do governo americano dedicado ao estudo e à preservação do mar. Mas, de momento, faziam parte de uma equipa de resgate improvisada, chamada para ajudar um grupo de embarcações desesperadas à mercê de uma terrível tempestade.

Enquanto sobrevoavam o local, ouviu-se a estática do rádio e as conversas muito rápidas entre a Guarda Costeira da África do Sul e o pequeno grupo de embarcações de resgate.

— *Sapphire Two, qual é a sua posição?*

— *Sapphire Two estabeleceu contacto com o Endless Road. Este parece estar à deriva, mas não está a meter água. Veem-se quatro membros da tripulação. Estamos a manobrar para procedermos a um resgate com o cesto.*

— *Entendido, Sapphire Two. Sapphire Three, qual a sua situação?*

— *Vamos para terra com alguns indivíduos que resgatámos. Dois parecem estar em hipotermia, o terceiro encontra-se estável.*

A tempestade surgira em força de sudeste, ganhando intensidade à medida que se aproximava do Cabo da Boa Esperança. Varreu vários cargueiros, incluindo um porta-contentores com trezentos metros de comprimento, e depois dirigira-se para o norte, onde veio a atingir um grupo de iates e de outras embarcações de recreio envolvidas numa corrida amigável de Durban até à Austrália.

A fúria da tempestade e sua chegada repentina tinham esgotado a Guarda Costeira sul-africana até o limite. Eles tinham pedido qualquer assistência competente, alistando a ajuda de uma fragata da Marinha Real Britânica, dois navios de abastecimento americanos e o navio de pesquisa *Condor* da NUMA. Setenta milhas a leste do *Condor*, Kurt, Joe e o piloto do *Jayhawk* estavam a aproximar-se das coordenadas de GPS que lhes tinham sido dadas. Mas eles ainda não tinham conseguido detetar o que quer que fosse.

— Nós devemos estar quase em cima dele — afirmou Kurt.

— Talvez tivesse naufragado — aventou o piloto.

Kurt não quis considerar tal coisa. Por uma estranha manobra do destino, ele conhecia a família no iate que eles estavam a tentar ajudar. Pelo menos, conhecia um deles.

---

<sup>2</sup> Abreviatura de National Underwater Marine Agency, ou seja, Agência Nacional Marinha e Submarina (*N. do T.*)

— Quanto combustível ainda temos?

— Creio que só para mais dez minutos.

Nessa altura, teriam apenas combustível suficiente para regressar ao *Condor* e teriam de rumar a essa direção, ou arriscarem-se a cair no mar e a precisarem eles próprios de ajuda.

— Veja se consegue fazer com que ele dure mais tempo — pediu Kurt.

— Os ventos que sopram contra nós estão a tornar tudo mais difícil.

— O vento será mais favorável logo que regressemos — insistiu Kurt.

— Continue.

O piloto ficou subitamente calado, e Kurt dirigiu os olhos para o mar.

— Estou a ouvir qualquer coisa — gritou Joe, segurando os auscultadores com uma mão. — O som é fraco, mas creio que se trata de uma chamada de emergência. Vire à direita para zero sete zero.

O helicóptero descreveu uma curva e, vários minutos mais tarde, Kurt vislumbrou o casco de um iate de cinquenta metros de comprimento, voltado de lado. Ainda estava à tona, mas já submerso na proa e praticamente inundado pelas ondas.

— Leve-nos até lá — ordenou Kurt.

Ele abriu a porta da secção de carga, deslizando-a e travando-a. O vento e a chuva entraram como um chicote na cabina.

Um sistema de guincho e cento e vinte metros de cabo permitiam-lhes levar sobreviventes para bordo, mas não tinham cesta, de modo que Kurt teria de descer para os agarrar. Ele ligou o arnês ao cabo, que colocara antes, e deslizou até à beira, com os pés pendurados de um dos lados.

— Não vejo ninguém — disse o piloto.

— Eles podem estar agarrados a uma das beiras — retorquiu Kurt. — Leve-nos até ao outro lado.

Kurt conseguia sentir a adrenalina a percorrer-lhe o corpo, do mesmo modo e desde que os detalhes da embarcação danificada tinham chegado à estação da Guarda Costeira da África do Sul.

— *O navio Ethernet relata fortes inundações* — tinha-os informado o administrador sul-africano. — *Por favor, que o Jayhawk da NUMA lhes dê ajuda. Vocês são os únicos que os podem alcançar.*

— Confirmem a identificação do navio — pediu Kurt, mal acreditando no que estava a ouvir.

— Ethernet — anunciou o administrador. — *Vindo de São Francisco com sete pessoas a bordo. Incluindo Brian Westgate, a sua mulher e dois filhos.*

Brian Westgate era um bilionário da Internet. A sua mulher, Sienna, era uma velha amiga de Kurt. Anos antes, fora o amor da sua vida.

A mensagem surpreendera Kurt de um modo que poucas coisas poderiam fazer, porém ele era o tipo de pessoa que recuperava rapidamente. Bloqueou quaisquer pensamentos do passado, ou receios de não chegar a tempo a esse iate, focando-se na tarefa em questão.

— Faz incidir os holofotes, Joe!

À medida que o helicóptero circundava esse navio em apuros e se aproximava do mesmo, Kurt podia ver as ondas varrendo o casco. O único facto positivo era que a superestrutura dianteira estava a ser protegida pela parte de trás do navio.

Joe virou o foco da sua lanterna de pilhas e a chuva tornou-se um campo de linhas cortadas. O efeito cegou-o por momentos, mas, logo que encontrou o ângulo certo, Kurt pôde ver o casco com mais nitidez. Vislumbrou algo cor de laranja.

— Ali! Perto da ponte.

O piloto também o viu. Manobrou o helicóptero para mais perto, à medida que Joe desapertava o cinto de segurança e voltava para operar o guincho.

— Este cabo não foi desenhado para içar pessoas — lembrou Kurt.

— Mas é capaz de levar um sonar a reboque — observou Kurt.

— Esse brinquedo pesa apenas quarenta quilos.

— Irá servir, acredita — disse Kurt. — Agora, solta a tensão.

Joe hesitou, e Kurt olhou para baixo para avaliar a posição deles, estendeu a mão e pressionou o tensor. Antes que Joe pudesse detê-lo, já se atirara pela beira do helicóptero.

Segurando uma máscara contra o rosto e apontando os pés diretamente para baixo, Kurt atingiu a água no topo de uma onda, mergulhando na mesma. Durante um longo momento, foi banhado pelo estranho silêncio mudo do mar. Era algo calmo e apaziguador.

E, em seguida, irrompeu num turbilhão.

As vagas eram como montanhas ondulantes, e as gotas do aguaceiro torrencial dançavam à superfície em todas as direções.

Voltando-se para o iate acidentado, Kurt começou a mexer energicamente as pernas, dirigindo-se para ele.

Ao chegar a meio do navio, esticou um braço para agarrar no varão metálico circundante. Antes de se conseguir agarrar com firmeza, uma calha rolou até onde ele se encontrava, fazendo com que ele escorregasse e ficasse

ao lado do casco. Lutou para permanecer nessa posição, até que a próxima vaga chegasse. Esta elevou-o até ele ficar ao mesmo nível do convés. Dessa vez, agarrou rapidamente no varão e içou-se para bordo. Atravessou o convés, evitando a custo ser levado para o mar por uma outra onda.

Alcançou a ponte, onde encontrou as janelas partidas.

A mancha cor de laranja que ele assumira ser um colete salva-vidas não se via em lugar algum.

— Sienna! — gritou ele. Era inútil fazê-lo contra o vento.

Olhou para dentro. Vários palmos de água oscilavam de um lado para o outro. Por instantes, pensou ter visto um corpo, mas não havia aí luz e, nessa escuridão, poderia ter-se tratado de qualquer coisa. Agarrou-se à porta da escotilha e abriu-a, forçando-se a entrar.

O navio gemia ameaçadoramente enquanto se revolia na tempestade. Tudo em volta de Kurt se parecia estar a mexer. Levantou o braço e ligou uma lanterna de pilhas à prova de água que ele amarrara ao mesmo.

O feixe de luz ondulou pela água e pareceu mais forte ao refletir-se numa parede de vidro por detrás da ponte. Em algum recanto da sua mente, Kurt lembrou-se de ter lido acerca do *design* desse iate. Todas as paredes no convés superior eram em acrílico. Pensava-se que isso iria fazer com que a parte de dentro da embarcação parecesse mais espaçosa. Caso fosse necessária mais privacidade, todas essas superfícies vítreas se poderiam escurecer, carregando num interruptor.

Outra onda atingiu o navio, rolando um pouco mais longe. Kurt viu-se a deslizar em direção a essa parede de vidro, enquanto a água do mar esverdeada começava a entrar pela escotilha aberta.

Móveis, mapas, coletes salva-vidas e outros tipos de detritos espalhavam-se em redor dele. Kurt levantou-se e tentou equilibrar-se. O seu braço saiu da água, e a luz refletiu-se no vidro uma vez mais. Por um instante, esse brilho cegou-o. No entanto, ao ajustar a sua direção, vislumbrou um rosto do outro lado. Um rosto de mulher emoldurado por cabelos loiros a escorrer água. Uma criança flutuava ao lado dela, uma menina com um cabelo louro, quase branco, que não teria mais do que seis ou talvez sete anos. Tinha os olhos abertos, mas estes não reagiam.

Kurt saltou na direção delas, apenas para bater nessa divisória de vidro.

— Sienna! — voltou a gritar.

Não houve resposta.

A água estava agora a subir mais rapidamente. Rodava em torno do peito de Kurt enquanto ele batia com o punho contra o vidro e depois tentava

parti-lo com uma cadeira que ele encontrou a flutuar a seu lado. A divisória aguentou dois fortes golpes. E, quando Kurt recuou para um terceiro balanço, o navio rolou mais um pouco e a água chegou-lhe ao pescoço.

O iate estava a afundar-se. Ele podia senti-lo.

Sem aviso, o arnês agarrou-se-lhe mais ao corpo e Kurt sentiu-se arrastado para trás.

— Não! — gritou, apenas para engolir um grande gole de água.

Ele estava a ser puxado para trás contra uma grande corrente que estava a inundar a ponte. Era como ser arrastado para cima através de uma cascata. Por um breve instante, voltou a ver esses rostos e depois a máscara foi-lhe arrancada e tudo ficou desfocado e verde.

O cabo foi puxado uma vez mais, empurrando-o com força e fazendo com que ele batesse com a cabeça contra a armação da porta.

Desorientado e quase inconsciente, Kurt sentiu que tinha sido libertado. Porém, o seu avanço estava a diminuir. Parte dele sabia por que razão: Joe e o piloto deveriam ter manobrado o helicóptero para o arrastarem para fora desse navio que se afundava. Eles tinham conseguido libertá-lo, mas o cabo devia ter-se partido, talvez quando ele batera na antepara.

Kurt tentou nadar, movendo rapidamente as pernas, mas a sua mente estava confusa e os músculos, na sua maioria, não lhe respondiam. Em vez de subir, estava a ser puxado mais para o fundo, impelido pela sucção do iate a naufragar. Viu então, por baixo dele, um borrão cinzento a recuar perante o feixe de luz da sua lanterna.

Pensando apenas na sua sobrevivência, olhou para cima. Aí, Kurt viu um anel de luz prateada. E então, sentindo apenas um simples fascínio, observou-o mais de perto, como a pupila de um vasto olho inteligente.

## 4



COM UM SOBRESSALTO, KURT SENTOU-SE NA CAMA. ESTAVA ENCHARCADO em suor e ofegava com falta de ar, o coração batia-lhe como se ele tivesse acabado de subir uma montanha a correr. Por momentos, ficou imóvel e olhou para a escuridão, tentando libertar-se do amplexo de um pesadelo e das poderosas emoções que permaneciam no rasto desse sonho.

O processo era sempre o mesmo, um rápido reconhecimento do lugar onde se encontrava, seguido de um breve momento de incerteza, como se a mente se debatesse a decidir qual dos mundos era realidade e qual era ilusório.

Um trovão ribombou, acompanhado por um fraco relâmpago e pelo som da chuva a cair com força no *deck*.

Ele encontrava-se em casa, no seu próprio quarto, na casa dos barcos que ele possuía nas margens do rio Potomac. Não se estava a afogar na tentativa fracassada de resgate que acontecera meses antes do outro lado do mundo.

— Você está bem? — perguntou uma voz feminina reconfortante.

Kurt reconheceu essa voz. Era Anna Ericsson, tão amável quanto bonita. Uma loira natural com olhos verdes impressionantes, as mais belas sobrancelhas e um nariz perfeito ligeiramente arrebicado. Por qualquer razão, desejava que ela estivesse noutra lugar nesse momento.

— Não — respondeu Kurt, atirando com as cobertas —, estou longe de estar bem.

Ele saiu da cama e foi até à janela.

— É apenas um pesadelo — retorquiu ela. — Memórias reprimidas a tentarem libertar-se.

Kurt podia sentir a cabeça a latejar, não apenas com uma mera dor de cabeça, mas na parte de trás do crânio, onde sofrera uma fratura óssea quando Joe o puxara para fora do iate que estava a naufragar. — Elas não estão reprimidas — afirmou ele. — Para ser sincero consigo, preferia que estivessem.

Ela estava calma. Não era pessoa para responder a essa agitação. — Você viu-os? — perguntou ela.

Ouviu-se um trovão no exterior, e a chuva a tamborilar contra a porta de alumínio com um vigor renovado. Kurt perguntava-se se essa chuva lhe teria provocado o pesadelo. Porém, de qualquer modo, ele não precisava de nada para os desencadear. Eles pareciam visitá-lo quase todas as noites.

— Será que as viu desta vez? — perguntou ela, novamente.

Kurt suspirou de frustração, acenou a Anna para que saísse, e foi até ao bar que tinha na sala de estar. Esta seguiu-o segundos depois, em calças de ioga e *T-shirt*. Ele não pôde deixar de reparar como ela era bonita. Mesmo a meio da noite. Mesmo sem um pouco de maquilhagem.

Acendeu a luz. Sentiu os olhos a doerem-lhe por momentos, mas, mesmo assim, conseguiu pegar numa garrafa meio vazia de *Jack Daniel's* que estava na bandeja. Notou que a mão lhe tremia e serviu-se de um duplo.

— Sabe bem que isso significa alguma coisa — espicaçou-o ela.

Ele engoliu um pouco do *whisky*. — Será que poderá manter a psicanálise dentro do horário de trabalho?

Ela deveria ser a sua terapeuta. No rescaldo da sua lesão craniana, ele começara a ter tremores e outros problemas. Os pesadelos vieram primeiro, depois dificuldades de memória e sentimentos de raiva mal reprimidos, que aqueles que o conheciam estavam certos não se coadunarem com o seu carácter.

Em resposta, a NUMA contratara a Dr.<sup>a</sup> Ericsson para agir como sua terapeuta e conselheira. Num ataque de despeito contra aqueles que o estavam a ajudar, Kurt passara semanas a desempenhar o papel de rabugento. Tal, porém, não fora suficiente para a afastar, e ambos tinham acabado por se verem mais do que seria estritamente profissional.

Kurt bebeu mais um gole de *whisky* e estremeceu de dor. Reparou num

frasco de aspirinas ao lado das garrafas e pegou nele. Quantas noites, nessa semana, repetira ele essa rotina? Quatro? Cinco? Tentou contá-las, mas, na verdade, não conseguiu. Tudo isso se tornara muito comum.

— Será que foi trabalhar, ultimamente? — perguntou ela, sentando-se na beira do sofá.

Kurt abanou a cabeça. — Não posso ir trabalhar até que você me cure, lembra-se?

— Não está inutilizado, Kurt. Mas está em sofrimento. Não importa quanto queira fingir. Sofreu um grave golpe, uma fratura craniana e um trauma emocional, tudo ao mesmo tempo. Durante meses, exibiu todos os sintomas de alguém que teve uma lesão cerebral traumática. E ainda continua a mostrar alguns. Para além disso, é o exemplo acabado de um indivíduo com sentimentos de culpa por ter sobrevivido.

— Não há nada que me faça sentir culpado — insistiu ele. — Fiz o melhor que pude.

— Sei bem disso — retorquiu ela. — Todos os envolvidos sabem disso. Mas você é que não acredita.

Ele não sabia em que acreditar. Literalmente.

— Até mesmo o Brian Westgate sabe que o que você tentou fazer foi heroico.

— Brian Westgate — murmurou Kurt, com desdém.

Ela reparou, no seu tom de voz, em algo que sinalizava um certo nível de agitação; contudo, de qualquer modo, continuou a insistir.

— Ele ainda quer encontrar-se consigo, não sei se sabe. Apertar-lhe a mão. Agradecer-lhe. — Ela fez uma pausa. — Será que respondeu a alguma das suas chamadas telefônicas?

Claro que ele não o tinha feito. — Tenho estado um pouco ocupado.

Ela estava a estudá-lo, balançando a cabeça ligeiramente. — É isso mesmo, não é?

— Isso o quê?

— O Kurt deveria ter-se casado com a Sienna, mas acabou por afastá-la. Se não o tivesse feito, ela não teria conhecido o Westgate. Não teria havido Westgate, nem iate. Nenhuma tempestade, nenhum afundamento. E nenhuma tentativa fracassada de a resgatar. É por isso que você se sente culpado.

A culpa do sobrevivente era uma coisa complicada. Kurt sabia disso. Tinha amigos que tinham voltado do Iraque e do Afeganistão. Indivíduos que tinham executado feitos heroicos, bem mais heroicos do que qualquer

coisa que ele alguma vez tivesse feito e, no entanto, culpavam-se a si mesmos por tudo o que não corra bem.

Respirou fundo e desviou o olhar. Havia demasiada verdade no que ela lhe dissera para poder argumentar; porém, por razões que ele não era capaz de explicar, tal não o ajudava muito. Voltou a atenção para as aspirinas, abriu o frasco e levou alguns comprimidos à boca. Engoliu-os com a ajuda de mais *whisky*.

Sentindo que a sua dor de cabeça estava agora a ser devidamente tratada, voltou-se para Anna e tentou ser mais cortês. — Que importa isso? — perguntou ele. — Porque é que essas coisas são tão importantes para si?

— Porque se trata do meu trabalho — respondeu ela. — E, como sou uma idiota, escolhi importar-me consigo mais do que com um mero doente.

— Não — retrucou ele, corrigindo-a. — Que importa que as veja em sonhos ou não? Está sempre a perguntar-mo. Por que motivo é que *isso* é importante para si?

Ela fez uma pausa e olhou intensamente para ele. Esse olhar era uma mistura de simpatia e frustração. — Não é importante para mim — afirmou ela. — É importante para si.

Kurt ficou a olhar para ela.

— Com base no que me disse, os sonhos são todos iguais — assinalou ela. — Exceto que em metade deles, você vê essa mulher loira e caucasiana e uma das suas filhas, enquanto nos restantes não vê mais nada para além de resíduos e de coletes salva-vidas abandonados. Você nem sequer tem a certeza se essa mulher é a Sienna. Mas de qualquer modo, seja real ou imaginário, o Kurt nunca as conseguiu alcançar, o barco naufragou e, infelizmente, elas desapareceram. Fim da história.

Ela inclinou um pouco a cabeça. Uma expressão de empatia surgiu-lhe no rosto. — Para o resto do mundo, não faz qualquer diferença porque o resultado é o mesmo. Mas esses sonhos alternados (essas realidades alternadas) *devem* ser importantes para si, caso contrário não os teria. Quanto mais cedo descobrir porquê, mais depressa começará a sentir-se melhor.

Ele podia apenas olhar muito para ela. Anna estava mais próxima da verdade do que ela própria se dava conta.

— Estou a ver — foi tudo o que ele conseguiu dizer.

Ela suspirou. — Eu não deveria ter cá vindo — disse ela, pegando nos ténis e calçando-os. — Do mesmo modo, não o deveria ter beijado. Mas fico feliz por tê-lo feito.

Ela levantou-se e pegou no casaco que estava pendurado num cabide perto da porta. — Vou para casa — disse ela. — Volte ao trabalho, Kurt. Talvez lhe faça bem. Na verdade, vá ver o Westgate. Ele está presentemente em Washington. Vai fazer um grande anúncio amanhã nas escadas do Smithsonian. Talvez não seja o sacana que você acha que ele é. E talvez o ajude a pôr um ponto final em tudo isto.

Ela vestiu o casaco, abriu a porta para o som da chuva no caminho de acesso, e depois atravessou-a e fechou-a. Segundos mais tarde, o motor de seu *Ford Explorer* foi ligado, seguido pelo som deste a fazer marcha atrás e depois a subir a colina até River Road.

Kurt olhou por instantes para esse espaço vazio. Com um gole, acabou a bebida e hesitou sobre se deveria tomar mais uma. Pousou o copo. De qualquer modo, não o estava a ajudar muito.

Em vez de tomar outra bebida, atravessou a sala de estar e abriu a porta de alumínio que dava acesso ao *deck*. A chuva era implacável, fazendo bolhas sobre a madeira recém-impermeabilizada, como mercúrio numa bandeja de laboratório. O rio estava coberto de gotas dançantes, tal como o mar no seu sonho.

*Que importava isso?*

Caminhou até ao corrimão do *deck*. À medida que a chuva o encharcava, parecia retirar-lhe parte da angústia que sentia. Ao longe, à esquerda, viu o tom vermelho das luzes traseiras do *Ford* de Anna, enquanto ela se afastava.

*Por que motivo se esforçava ele cada vez mais para ver a verdade, sempre que o sonho começava?*

Ele sabia a resposta para esse mistério, descobrira-a algumas semanas atrás, mas manteve-a só para si. Não a podia contar a ninguém, sobretudo à sua terapeuta.

Encharcado até aos ossos, voltou para dentro, pegou numa toalha para secar as mãos e o rosto, e caiu na cadeira da sua secretária.

Pondo a toalha de lado, ligou o computador e esperou que o ecrã se iluminasse. Depois de digitar a sua palavra passe, clicou num ícone que requeria uma segunda palavra passe. Abriu então uma série de *e-mails* encriptados.

O mais recente fora-lhe enviado por um ex-agente da Mossad, que Kurt conhecera através de terceiros. O dinheiro fora enviado e recebido, e o homem concordara em investigar um boato.

O *e-mail* era bastante objetivo.

*Não posso confirmar nem negar a presença de Sienna Westgate em Mashhad ou na área circundante.*

Mashhad era uma cidade no Norte do Irão, suspeita de ser a sede de um novo grupo técnico que trabalhava para o exército iraniano. Ninguém sabia ao certo o que eles andavam a fazer, mas acreditava-se que os iranianos estavam desesperadamente a atualizar a sua cibersegurança e força de ataque. Ressentidos pelo facto de os EUA terem introduzido, de alguma forma, um vírus conhecido como Stuxnet nas suas instalações de processamento nuclear, e terem feito com que mil centrifugações de alto preço girassem fora de controlo até explodirem, os iranianos não estavam apenas a procurar proteger-se, estavam a planear atacar.

Parte desse esforço parecia envolver estrangeiros que tinham sido vistos a entrar e a sair de Mashhad, por vezes escoltados.

Kurt leu o resto do e-mail.

*De fonte segura, fiquei informado de que três pessoas ocidentais, duas do sexo masculino, e uma do feminino, estavam em Mashhad há já algum tempo. Estiveram presentes pelo menos dezanove e, possivelmente, cerca de trinta dias. Não ficou claro se esses indivíduos eram prisioneiros ou especialistas pagos. A descrição da mulher condiz com a da Sr.<sup>a</sup> Westgate no que diz respeito à idade e à estatura, mas não à cor de cabelo. Não existem fotografias disponíveis. Essa pessoa não parece estar ferida ou preferir qualquer uma das mãos nas suas atividades diárias.*

*Ela foi vista a chegar e a abandonar o edifício de defesa suspeito, a norte de Mashhad, sob segurança ligeira. Nenhuma coerção era evidente, nem se detetaram maus tratos.*

*Os três indivíduos foram vistos a partir num avião pequeno, há vinte dias. Nenhuma informação se descobriu, capaz de sugerir com precisão o destino dessa aeronave, o paradeiro atual ou o estado das pessoas a bordo.*

Kurt fechou o ficheiro.

Que importava o que ele via em sonhos? Porque, apesar de todas as provas em contrário, ele convencera-se de que Sienna ainda estaria viva. E, se assim fosse, poderia pensar apenas numa razão pela qual ela estaria a trabalhar para os iranianos: os seus filhos, Tanner e Elise. Alguém deveria tê-los presos como reféns, usando-os para a chantagear.

Ele sabia que deveria estar a forçar um pouco a lógica, sobrepondo suposição sobre suposição. Considerando os factos, era irracional e pouco razoável e, contudo, sentia-o com todas as fibras de seu ser.

Somente os sonhos o faziam duvidar.

Se o salão vazio e o iate abandonado fossem memórias verdadeiras, então ele teria motivos para acreditar, para ter esperança e para confiar nos seus instintos.

Mas se ele *tivesse testemunhado* Sienna e a filha a afogarem-se, e estivesse a tentar reescrever, subconscientemente, as suas memórias e a substituir o que sabia pelo que queria que a realidade pudesse ser, então estaria mesmo à beira da loucura e prestes a dar um passo em falso para o abismo.

## 5



MADAGÁSCAR OCIDENTAL,  
JUNHO DE 2014

A MULHER A CAVALO MOVIA-SE LENTAMENTE, MATERIALIZANDO-SE COMO uma aparição através do brilho do calor do meio-dia. Jovem e em boa forma, como os seus vinte e poucos anos, segurava as rédeas de um Appaloosa com malhas, com uma confiança silenciosa, enquanto trotava pausadamente ao longo da areia à beira de um rio enlameado.

Estava vestida de preto dos pés à cabeça, botas de equitação elegantes e um chapéu de aba larga ao gosto espanhol, para evitar que a sua pele pálida se tismasse.

Guiava o cavalo sem esforço, passando por uma secção estreita, mantendo os olhos na margem, caso algum crocodilo aí estivesse à espera para atacar. Quando o desfiladeiro se começou a alargar, ela encontrou um rebanho de zebus, gado Brahman com chifres afiados em forma de V e espáduas distintamente curvadas.

O gado fazia parte da riqueza vasta da sua família, um símbolo de poder e abundância, embora pouca atenção se lhe desse nos dias que corriam. Na maior parte das vezes vagueavam sem controlo, pastando na vegetação que crescera durante a estação das chuvas de Madagáscar.

Ela deixou o gado atrás dela e passou por uma curva junto ao rio. Isso trouxe-a até uma área de destruição natural. Semanas de chuva tinham provocado grandes inundações, as piores que nessa parte da ilha alguma vez se tinham visto.

À medida que os riachos se iam juntando, as torrentes cresciam com força suficiente para escavarem vastas secções das margens, rasgando a terra e arrastando-a em pedaços do tamanho de um parque de estacionamento. Árvores caídas tinham sido varridas pelo rio como palitos e arrancadas como dentes; as que tinham permanecido estavam num emaranhado, com as raízes expostas.

Mais adiante, chegou a uma área que fora em tempos uma península, que sobressaía na grande curva no rio. Era agora uma ilha, separada da terra e rodeada por todos lados pelos braços apressados desse mesmo rio.

Tentou controlar o cavalo com um leve movimento das rédeas e fez uma pausa. O Canal de Moçambique surgia diante dela, com as águas brilhantes a estenderem-se até ao horizonte. Seiscentos quilómetros mais para lá, situava-se a costa leste de África.

Ela estivera nesse sítio com frequência, ao longo dos anos. Era o seu lugar favorito na ilha, embora por razões que outros achariam estranhas. Sozinha, neste local desolado, sentia algo diferente: um certo tipo de tristeza que ela escondia do mundo. Parecia pertencer-lhe como nenhuma outra coisa que ela possuísse. Era parte dela, tratava-se de uma emoção que não queria perder.

Infelizmente, as coisas estavam a mudar. Os acontecimentos estavam a desenrolar-se bem para além do seu controlo, e esse sentimento de melancolia estava a ser-lhe arrancado pedaço a pedaço, como a pequena ilha que se ia esboroando no centro das torrentes do rio.

Enquanto observava esse cenário, uma secção de argila vermelha do tamanho de uma casa mergulhou nas águas, desde a parte da frente da ilha. Deslizou em ângulo, como um icebergue a desprender-se de um glaciar, e começou a dissolver-se ao entrar em contacto com o rio agitado. No seu lugar, porém, ela notou algo estranho. Não havia aí barro, mas metal escurecido, plano e liso como uma parede feita de ferro. A água agitada passava por ela apressadamente, limpando a lama que aí se acumulava e, pouco a pouco, revelando-a cada vez mais. Uma junção surgiu e depois outra. Ela viu que essa parede era formada afinal por grandes placas de aço rebitado.

Sentiu um arrepio a percorrer-lhe a espinha, uma impressão doentia que lhe subia do estômago. Medo e curiosidade misturavam-se num *cocktail* de emoções. Ela sentia-se atraída pelo que via e receosa ao mesmo tempo.

Um desejo de atravessar para ir investigar acabou por dominá-la como se algo ou alguém estivessem a chamar por ela, como se estivesse a

ser convocada para vir ajudar os fantasmas presos para lá dessa parede de metal.

Ela levou o cavalo até à beira do rio, mas o animal encurvou-se e resistiu. A corrente era muito forte, e esse percurso demasiado traiçoeiro. Um passo dentro de água e ela e o animal seriam levados com a mesma facilidade das grandes árvores.

O cavalo ergueu a cabeça e relinchou. De qualquer modo, esse ato fez com que a mulher caísse em si. Recuou e olhou na direção da pequena ilha uma vez mais.

Ela não tinha conhecimento do que existia por baixo desse solo avermelhado e, de súbito não o queria saber. Queria apenas ir-se embora, sair daí, antes que a verdade fosse revelada.

Virou bruscamente o cavalo, puxando-lhe a cabeça para um dos lados e batendo-lhe no ventre com os calcanhares.

— Vamos! — exclamou ela. — Vamos.

Com um impulso voluntário, esse animal começou a galopar em direção ao interior, à plantação, à mansão palaciana e à vida que ela conhecia.

Mais nuvens tempestuosas se estavam a acumular por cima das colinas na distância. Viria aí uma outra inundação. Ela adivinhou com precisão que tudo o que estivesse enterrado por debaixo daquela ilha desapareceria antes do amanhecer.

Sebastian Brèvard esperava no salão principal de sua opulenta casa na plantação. Com um metro e oitenta de altura, seco e musculado aos quarenta e dois anos de idade, tinha uma pele suave cor de azeitona e cabelo escuro que revelavam as suas origens ancestrais no sul da França. Brèvard era um homem bem-parecido no auge de sua vida. Tinha o cabelo grosso e escuro como o mogno, os olhos tinham um tom leve, quase cor de avelã, e usava uma barba fina que lhe corria ao longo do maxilar, aparada diariamente por um barbeiro pessoal. Exsudava confiança ao andar, alguns diriam arrogância, que lhe vinha do facto de aí ter crescido como o dono dessa casa.

Apesar de gostar de tudo o que era bom, não usava joias, à exceção de um único anel de ouro que o pai lhe oferecera.

A casa à sua volta era um pequeno palácio construído no estilo barroco da França do século XVIII. A propriedade, disposta em terraços na encosta da grande colina, continha estábulos, jardins ornamentados, repuxos,

até mesmo um labirinto de buxo que ocupava vários hectares, no segundo terraço, logo abaixo da casa principal.

A própria residência era sumptuosa. Enquanto caminhava pelos corredores, pisava suavemente mármore italiano polido. Colunas dóricas de granito ladeavam ambos os lados desse espaço, enquanto extraordinárias obras de arte decoravam as paredes entre estátuas e intrincadas tapeçarias.

Tal como a sua casa, Sebastian estava vestido impecavelmente. Tinha um fato de Savile Row, com três botões, que custava tanto como um pequeno *Mercedes*. Calçava meias de seda e tinha sapatos de pele de crocodilo que custavam dois mil dólares. Para completar este conjunto tinha uma camisa formal *Eton* de quinhentos dólares, em cujos punhos exibia botões com diamantes.

Era verdade que ele iria ter uma reunião importante ao fim da tarde, mas considerava um privilégio poder vestir-se como um rei. Ajudava aqueles que o conheciam a darem-se conta do seu lugar na vida; assegurava também, aos que trabalhavam para ele, que o seu era um caminho de sucesso.

Perto do fim do corredor, dois homens que se assemelhavam a ele nas feições, esperavam-no. Eram os seus irmãos, Egan e Laurent que estavam muito ao corrente da importância da reunião desse dia.

— Será que vais realmente entreter o mensageiro do Acosta? — perguntou Laurent. — Deveríamos tê-lo matado por nos trair.

Laurent, alguns anos mais novo que Sebastian, estava sempre pronto para a luta, como se não conhecesse outra forma de lidar com o confronto. Apesar dos esforços de Sebastian para o ensinar, Laurent nunca percebera que a manipulação era mais lucrativa e eficaz do que o confronto.

— Deixa-me ser eu a preocupar-me com isso — observou Sebastian. — Certifica-te apenas de que as nossas defesas estão preparadas, caso tenhamos de lutar.

Laurent assentiu com a cabeça e afastou-se. Em dias passados, ambos tinham entrado em desacordo, mas, presentemente, Laurent aceitara, por completo, a liderança do seu irmão mais velho.

— E quanto aos explosivos no arsenal? — perguntou Egan. — Algumas das munições que o Acosta aqui deixou são instáveis.

— Sei bem como usá-las — explicou Sebastian.

Dos três irmãos, Egan era o mais jovem e o mais interessado em agradar os outros. Sebastian considerava tal uma fraqueza; contudo, Egan tinha

apenas catorze anos quando o pai deles morrerá. Não aprendera em primeira mão como ser duro.

— Vou certificar-me de que te será dado um inventário — assegurou Egan, antes de sair do salão principal.

Com os dois já ausentes, um som de botas de salto alto sobre o chão de mármore fez com que Sebastian se voltasse.

Vinda do corredor, na sua direção, via-se a forma flexível do membro mais novo da família.

Calista tinha menos quinze anos do que ele e era tão diferente dos irmãos como a noite do dia. Ao contrário deles, vestia-se como uma plebeia. Embora com apenas metade do estilo, pensou ele.

Hoje, estava vestida de preto dos pés à cabeça, incluindo um chapéu de cobói, que ela tirou e colocou na cabeça de uma estátua de preço incalculável.

O seu cabelo curto fora pintado da cor do carvão. As unhas tinham uma tonalidade escura, e pusera tanto rímel nos olhos que estes se assemelhavam aos de um guaxinim.

— Olá, Calista — disse ele. — Onde é que estiveste?

— Lá fora, a andar de cavalo.

— E vestida para um funeral, segundo vejo.

Ela colocou-lhe um braço pelos ombros, provocativamente, e estendeu uma mão para lhe desviar o nó da gravata perfeitamente centrado. — É isso que está hoje na agenda?

Ele olhou muito para ela, até ela se afastar um pouco.

Recolocando a gravata, falou sem rodeios. — Assim será se o Acosta não devolver o que nos tirou.

Ela animou-se com isso. — O René vem até cá?

— Incomoda-me o teu interesse pessoal por ele — repreendeu-a Sebastian. — Ele está muito abaixo de ti.

— Por vezes, um gato pode brincar com um rato — respondeu ela. — Às vezes, até o mata. Porque é que estás tão preocupado...?

Calista era uma criança perdida. Não se relacionava bem com as pessoas. Não por evitar as relações humanas; pelo contrário, estava sempre a iniciar ou a terminar uma. Porém, a começar pelo pai deles, todos os seus relacionamentos eram uma mistura de amor e ódio, de uma raiva constantemente provocada por uma esmagadora devoção por todas as coisas que ela nunca poderia ter.

E logo que as possuía, mudava. Uma indiferença cruel e repentina era

a sua resposta usual, ou mesmo o desejo de causar dor e tormento a todos os que ela agora controlasse. Que interessante, pensava ele, ter uma bela e pequena sociopata como irmã. Isso tornava-a útil.

— A desobediência de René é preocupação minha — afirmou o irmão. — Ele traiu-nos.

Ela parecia estar pronta para defender o ex-amante. — Ele levou a mulher para o Irão como lhe pediste — retorquiu ela. — Ela fez o que nós precisávamos que ela fizesse. O cavalo de Troia já está instalado. A ligação ao alçapão já foi ativada. Eu própria o verifiquei.

Brèvard sorriu. Calista tinha os seus encantos, um dos quais era a sua competência com computadores e sistemas informáticos. Pelo menos tinham isso em comum, pois Sebastian era ele próprio um bom programador. Mas ela não conseguia ter uma visão geral das coisas como ele.

— Os iranianos são apenas uma parte do plano — lembrou ele. — Dar-lhes acesso não adianta, a menos que ela esteja aqui, e na nossa posse, no momento apropriado. A menos que o mundo receie o que possamos fazer, eles não reagirão do modo como precisamos.

Ela olhou para ele e encolheu os ombros, sentando-se em cima de um aparador com quinhentos anos, e balançando as pernas para lá e para cá como se se tratasse de um armário comprado numa loja em segunda mão.

— Essa peça de mobiliário já decorou o retiro de verão de Napoleão — repreendeu-a Sebastian.

Ela olhou para a madeira antiga com curvas perfeitas e um acabamento ornamentado. — Tenho a certeza de que ele já não precisa mais disto.

Sebastian sentiu um acesso de raiva, mas conseguiu controlar-se.

— Nós não a deveríamos ter dado ao René — acrescentou ela, tornando-se de repente a versão fria e sombria de si mesma, uma vez mais. — Deveríamos ter sido nós a fazer um acordo com os iranianos.

Brèvard abanou a cabeça. — René é apenas uma frente. A sua presença isola-nos e protege-nos. Trouxemo-lo para o negócio por isso mesmo. Precisamos de nos certificar disso. Mas ele precisa de ser controlado.

— Assim sendo, teremos de encontrar uma maneira de o motivar — acrescentou ela. — Eu sugiro a violência. Muita violência.

— Achas que sim? — retorquiu ele. — Por que razão não estarei surpreendido?

— É tudo o que ele percebe.

— Nós não somos instrumentos cortantes como René — insistiu ele.

— Teremos de ser bem-sucedidos, com estilo e uma certa graça. Mais importante ainda, somos artistas. Quando tivermos o que procuramos...

— Bem sei — disse ela, interrompendo-o —, *ninguém deverá saber que fomos nós.*

— Não — corrigiu ele —, ninguém deverá saber que *foi tomado.*

Este era um ponto que ele pensava ter tornado bem claro.

Ela suspirou, cansada das suas palestras. — Tu nunca irás conseguir que o René a entregue até que ele fique cheio de medo. Ele poderá ser um bruto, mas eu digo-te que ele vive com um grande receio e é por isso que ataca. Se queres que ela volte, terás de te aproveitar desse medo.

Sebastian ficou em silêncio por momentos. — Talvez tenhas razão — retorquiu ele. — Vem até ao meu escritório. O mensageiro de René deve estar a chegar a qualquer momento.

Vinte minutos depois, um criado abriu a porta do escritório de Sebastian. — Chegou um convidado, *Monsieur Brèvard*. Diz que lhe quer falar em nome do Sr. Acosta.

— Veio sozinho?

— Veio com três homens. Eles estão de certeza armados.

— Deixe entrar o mensageiro — disse Sebastian.

— *Monsieur Brèvard*, será que devo também deixar entrar os outros?

— Ofereça-lhes uma bebida da nossa reserva privada.

— Sim, senhor.

O criado fez uma ligeira vénia e recuou através da porta com dois batentes.

Momentos depois, um homem encorpado, com calças de combate acastanhadas e uma camisa polo um pouco larga, entrou. — O meu nome é Kovack — disse ele. Falava inglês com um sotaque da Europa de Leste. Olhou Sebastian nos olhos, com uma certa hesitação, e olhou nervosamente por detrás dele para Calista, que estava com as costas encostadas à parede. Ela não lhe deu qualquer atenção, nem se moveu ou sequer pestanejou.

Sebastian sorriu para dentro. A sua estranha irmãzinha tinha um modo de enervar mesmo os mais duros dos convidados. — Onde está o René?

— Aqui e ali — afirmou Kovack com um ar desinteressado. — Estamos a falar de um homem muito ocupado.

— E por que motivo quebrou ele o nosso acordo? A mulher americana deveria ter-nos sido devolvida logo que a operação iraniana tivesse terminado.

Kovack sentou-se numa das cadeiras, diante da secretária ornamentada

de Sebastian, e começou a explicar. — Descobrimos outros compradores para os nossos serviços.

— Quem? — perguntou Sebastian.

— Não lho poderei dizer.

Sebastian imaginou que os chineses estavam envolvidos, e provavelmente os russos. Ambos eram conhecidos por estarem interessados em guerra cibernética e em usarem piratas de computadores como armas. Talvez houvesse outros. Em circunstâncias diferentes, ele teria estabelecido uma guerra de licitação e vendido a mulher e os outros a quem desse mais, tal como René estava a tentar fazer. Mas ele precisava que ela regressasse. Ninguém mais a poderia substituir.

Sem dúvida ciente disso, Kovack ajeitou-se melhor no assento. A sua nova postura transpirava superioridade e arrogância, como se estivesse pronto para impor termos na própria casa de Brèvard. Os seus olhos pareceram reparar na caixa de charutos cubanos em cima da secretária de Sebastian.

— Esses são muito deliciosos.

— Não são para comer — explicou Sebastian. — Mas se se refere ao seu excelente sabor maravilhoso, então, sim, tem toda a razão. — Com uma grande calma, Brèvard pegou na caixa e ofereceu-a ao seu insolente convidado. — Porque não experimenta um?

Kovack estendeu a mão e arrancou um dos charutos da caixa. No instante seguinte, Calista surgia numa cadeira ao lado dele. Ela movera-se rapidamente, surpreendendo Kovack. Ela não se sentou propriamente. Empoleirou-se num dos braços da mesma e pôs os pés no assento.

Calista baixou a mão, pegou no cortador de charutos de Sebastian e começou a brincar com ele. — Permita-me — ronronou. De uma forma rápida, cortou a ponta do charuto de Kovack.

Sebastian quase começou a rir. Como ela gostava dessa pequena guilhotina...

Toda essa atenção parecia agradar a Kovack. Este sorriu e levou o charuto até o nariz, respirando o seu aroma. — Tem lume?

Sebastian pegou num bloco em forma de cunha feito de vidro iridescente. Este tinha umas arestas afiadas e parecia vagamente vulcânico. Segurava um isqueiro a butano, parcialmente encastrado num dos lados.

— Obsidiana — informou Sebastian. — Do Monte Etna.

Num instante, o charuto ficou aceso. O odor intenso do tabaco cubano espalhou-se logo pela sala.

Sebastian deixou que o visitante desfrutasse o fumo por um minuto, e depois falou mais uma vez.

— Voltando ao assunto — disse ele —, o que é que, exatamente, o René quer de mim?

— Quer que faça a sua aposta, com dinheiro *a sério*.

Havia um tom sarcástico nesse comentário.

— Dinheiro a sério? — repetiu Sebastian, erguendo as sobrancelhas.

Kovack assentiu com a cabeça. — Ele está a organizar um novo leilão. Algumas partes interessadas já foram rejeitadas. Tinham apostas muito baixas. Se quiser que a entreguem aqui, terá de superar os outros. O Sr. Acosta não terá outra escolha senão levar a mercadoria para onde lhe trouxer o maior lucro.

Apesar de seu ego e do seu orgulho, Sebastian respondeu rapidamente. — De acordo — retorquiu ele. Seria estúpido regatear quando havia milhares de milhões em jogo.

— Acho que não está a perceber — disse Kovack, dando fumaças no charuto. — Há muitos interessados e eu duvido que consiga pagar o que estão a pedir.

Dizendo isso, Kovack exalou uma grande nuvem de fumo. Por um breve instante, conseguiu fazer anéis.

Sebastian deu-se conta de que a sua ira ia crescendo. Principalmente porque Kovack tinha razão. Não havia modo de ele poder superar os chineses, os russos ou os coreanos, que, segundo se dizia, também queriam a informação que essa mulher possuía. Acosta sabia-o bem e estava a atirar-lho à cara.

Era óbvio que Acosta já teria desistido deles, por completo. Ele não estava ao corrente do plano de Brèvard, não poderia assim revelá-lo ou ameaçar duplicá-lo. Porém, através de uma mera ganância e estupidez, estava a pôr em risco um esquema que demorara três anos a arquitetar. Uma obra-prima de rematada vigarice. A mais rematada da vida de Sebastian e, de longe, a mais lucrativa, caso pudesse funcionar.

O tempo para as negociações terminara já. Brèvard não seria atraído. Iria impor a sua vontade. Sorriu como um lobo que mostrasse os dentes.

— Já vi que aprendeu muito sobre o capitalismo com o René — afirmou ele. — Elogio-o por isso.

A tensão diminuiu um pouco. Kovack limitou-se a acenar ligeiramente com a cabeça.

— O seu charuto parece ter-se apagado — acrescentou Sebastian. — Permita-me reacender-lho.

Kovack inclinou-se para a frente e colocou uma mão na mesa para se equilibrar, enquanto Sebastian voltava a pegar no isqueiro de obsidiana.

Em vez de lhe reacender o charuto, Sebastian esticou a mão que tinha livre e agarrou fortemente no pulso de Kovack. Puxou esse homem para a frente, à medida que Calista saltava do seu poleiro, pousava por detrás dele e lhe empurrava a cadeira.

Kovack bateu com força contra a mesa, ficando com um dos braços preso por baixo do tampo; o outro estava esticado na direção de Sebastian, que parecia querer arrancar-lho da articulação. O charuto já desaparecera, caído da boca desse homem; contudo, a mão livre de Sebastian ainda segurava o pesado isqueiro.

Kovack reposicionou-se, tentando colocar-se numa posição em que pudesse usar as pernas, mas Calista encostou-lhe um abridor de cartas contra a garganta, ferindo-lhe levemente a pele.

Kovack parou de lutar instantaneamente.

— Faz com que ele se enfureça — sibilou ela, roçando a orelha de Kovack com os seus lábios suaves. — Quero ver o que ele faz.

Kovack não tinha a certeza se as palavras eram dirigidas a ele ou a Sebastian. Escusado será dizer que não fez o que quer que fosse.

— Não ligue ao que ela diz — sugeriu Sebastian, calmamente. — Ela acabará por o enganar e você não será o primeiro.

— Mas, o que é isto? — gritou Kovack, extremamente assustado pelo que lhe parecia ser um jogo de doidos entre eles os dois. — Estamos a falar de negócios.

— Esta é a minha maneira de enviar uma mensagem — retorquiu Sebastian. — Uma que será claramente percebida.

— Chame os seus homens — aconselhou ela a Kovack. — Talvez a bebida ainda não lhes tivesse subido à cabeça. Talvez o veneno não fosse tão forte quanto o pretendido.

— Veneno? — Os olhos de Kovack quase lhe saltavam do rosto. Rolavam de um lado para o outro, até que ele se esforçar por ficar quieto. Concentrou-se então em Brèvard. Essa mulher era louca.

— Que mensagem quer que eu lhes dê? — proferiu. — Posso dizer-lhes

tudo o que me pedir. Irei dizê-lo pessoalmente. Pode confiar em mim, sou a mão direita do René.

Sebastian estremeceu ante essa declaração e um olhar estranho enrugou-lhe os contornos do rosto exposto ao ar livre. — Uma infeliz escolha de palavras da sua parte — ripostou ele.

Com isso, ficou mais tenso, levantou o isqueiro de obsidiana e fê-lo cair sobre o pulso estendido de Kovack como um cutelo.

Um grito assustador ecoou pelo palácio, e Kovack inclinou-se para trás, libertado por Calista e caindo para o chão. Tombou de costas, tentando proteger o coto do pulso, à medida que o sangue jorrava em todas as direções.

As portas duplas abriram-se subitamente e três dos criados de Sebastian entraram a correr.

— Tratem dele — pediu-lhes Sebastian, atirando com a mão cortada do homem ferido.

Os criados puseram-se logo ao lado de Kovack e envolveram-lhe o braço rapidamente. Aplicaram-lhe um torniquete e arrastaram-no para fora do escritório.

Sebastian olhou ao redor, examinando o sangue que lhe encharcava a secretária e o fato. — Olhem para esta porcaria — disse ele, como se tivesse entornado uma bebida.

Mais empregados entraram, começando a limpar de imediato. Sebastian tirou o casaco e atravessou as portas envidraçadas que o levaram a uma varanda. Calista seguiu-o.

Trovões ribombavam na distância enquanto a última tempestade se preparava para encharcar o oeste de Madagáscar. Ele estava a pensar que cometera um erro. A raiva causara tudo isso. — O René não irá confiar em ti depois do que se passou — disse ele à irmã.

— O René nunca confiou em mim — corrigiu ela. — Mas deseja-me intensamente e pensa que estou duplamente envolvida.

— Assim sendo, irás ao seu leilão.

— Para oferecer dinheiro por uma mulher?

— Para a raptares e trazeres para aqui — afirmou Sebastian, sem sombra de dúvida. — O René nunca aceitaria a tua proposta, mesmo antes de tudo isto. Ele próprio montou o seu negócio. Sabe que, se nos entregar essa mulher, nós iremos ficar com ela. Ela é nossa propriedade, apesar de tudo. E ele estaria a perder muito dinheiro. Do modo como ele o gasta, precisa de todo o que puder obter.

Enquanto o irmão falava, Calista assentia com a cabeça, embora parecesse preocupada com o sangue de Kovack nas costas da mão. Ela passou o dedo pelo líquido avermelhado e desenhou linhas ao longo do braço como se estivesse a pintar o corpo.

— Estás a ouvir-me?

— Sabes bem que sim.

— Então diz-me se estás preparada para o fazer.

— Claro que estou — afirmou ela, levantando os olhos. — Mas o René não é parvo. Há de estar à espreita. E se eu roubar aquilo em que os outros estão a apostar, os russos e os chineses também se tornarão um problema.

Brèvard não estava preocupado com os inimigos. Ao terminar a conversa com esse escroque, ele desapareceria como um fantasma, como fumo no vento. E seria como se ele nunca tivesse existido.

— Trata tu disso — disse ele, sem rodeios. — Tu és mais esperta do que ele. Mais esperta do que eles todos. Põe essa tua pequena mente tortuosa a trabalhar e trá-la para aqui antes que tudo o que planeámos vá pelos ares.